

Nosso
Infinito

JONATAN ZONTA

Nosso Infinito



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023

Copyright © Jonatan Zonta, 2023

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de

qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Raquel Escobar

REVISÃO DE TEXTO

Mayara Carvalho

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Fábio Dantas

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Zonta, Jonatan

Nosso infinito / Jonatan Zonta - 1ª edição - São Paulo:

Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-73-1

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Literatura juvenil I. Título



Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340

www.editoracoerencia.com.br

Tel.: (11) 9.8020-0810

“Me faça esquecer o caminho de volta
Me fale de você e sobre tudo que te faz sorrir
Conte as histórias que você não cansa de contar”

Leonardo Zimmermann

“O mistério gera curiosidade e a curiosidade
é a base do desejo humano para compreender”

Neil Armstrong

“Onde quer que nos encontremos, são os nossos amigos
que constituem o nosso mundo”

William James

Dedico este livro para todos os garotos e todas as garotas que podem ser amigos, mas que vão se apaixonar em determinado momento. Talvez temporariamente, talvez por muito tempo, talvez tarde demais, ou talvez para sempre.

Sobre os agradecimentos

Foi uma jornada e tanto para chegar até a versão que você tem em mãos, com tantas reescritas e noites na frente do computador. Os personagens foram grandes companheiros ao longo desses três anos, nos quais aconteceram grandes mudanças em minha vida pessoal e profissional.

Este livro também me proporcionou conhecer pessoas incríveis. Gostaria de agradecer ao professor Bruno Crispim, a história não seria a mesma sem sua mentoria. Aos colegas do *Guia de escrita*, que são escritores fantásticos: Caio Costi, Ilma Pereira, Gabi Moreira, Heloisa Esther, Geannetti Pires e Rô Arruda.

Todos leitores betas, que tiveram todo o cuidado e dicas pontuais muito valiosas: Miuri Pestano, Ayran Melquiades, Lukas Mora, Jean Madeira e Sofia Zonta.

Lilian e Giovanna Vaccaro, Bianca Gulim, Raquel Escobar e toda equipe da editora Coerência, que desde o início do projeto trabalharam de forma excepcional para que o livro fosse tratado da maneira como ele merece, com muito carinho e dedicação.

Aos meus pais e ao meu irmão, que sabem a importância que a escrita tem na minha vida.

A minha esposa Cintia Schroeder por estar sempre por perto, dando aquele suporte necessário e o incentivo para que sempre consiga alcançar o melhor. Os cafés na mesa de escrita sempre foram grandes aliados.



SOBRE A GAROTA, O BAILE E O VELHO BANCO

O dia em que minha vida tomou um rumo inesperado foi cheio de altos e baixos que me fizeram ter certeza de que nossas escolhas moldam nosso destino.

Estava naquele momento, por exemplo, esparramado no meio da quadra da escola, com a trilha sonora ao fundo composta pelas risadas de quem presenciara o fato: tinha acabado de ser nocauteado no famoso jogo de queimada, durante o qual lutei para desviar dos inúmeros arremessos em minha direção, em especial os que vinham dos caras do clube dos esportes — que sempre apostavam sobre quem acertaria o *nerd* primeiro —, mas, para a surpresa de todos, a ganhadora foi uma garota da outra turma, que veio correndo em minha direção com o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo.

— Você está bem?

— Acho que sim.

Levantei-me com cuidado, ainda sentindo a atenção de todos em mim.

— Precisa de alguma ajuda? Quer que eu o acompanhe até a enfermaria? — Ela me encarou com atenção, analisando meu rosto. — Seu nome é...

– Miguel.

– Sou a Emily. – Ela abriu um sorriso, envergonhada. – Me desculpe.

– Não precisa se desculpar. A culpa foi toda minha.

E foi mesmo, pois tinha me distraído ao notar a garota que se aproximava acompanhada do namorado. Era Natasha, minha primeira amiga e vizinha.

Ela tem nome de vodca, diferente de mim, que tenho nome bíblico.

O cara ao lado dela era David. Eles estavam juntos havia uns três anos, desde o começo do nosso ensino médio. Era um cara que andava por aí sempre com o rosto sério e seu porte físico era de dar inveja na galera. O negócio era que ele tinha uma moto. Se tinha carteira de motorista? Não sabia, mas que a moto dele era maneira, ela era.

A única vantagem que tinha sobre ele, se significava alguma coisa: ainda tinha cabelo. Ele, desde que o conheço, mantinha os fios raspados para esconder a calvície prematura.

– Terra chamando.

Meu melhor amigo, William, estava parado à minha frente com os cabelos arrepiados e os óculos quadrados. Estava sempre usando roupas descoladas e combinando.

– Preciso sair daqui – falei, afastando-me para a arquibancada enquanto todos voltavam para a atividade.

– Se distraiu legal, hein?!

– Pois é, mas estou bem. Vou ficar por aqui até o fim da aula.

William saiu balançando a cabeça.

– Tudo que você queria.

Consegui me esquivar da professora ao dizer que meu rosto ainda estava dolorido, o que não deixava de ser verdade. Fiquei sentado observando Natasha jogar. Ela parecia meio desligada e, ao mesmo tempo, raivosa, pois arremessava todas as bolas na direção de David. Ele se divertia tentando acalmar a garota.

Não vou mentir, torcia para que ele fosse atingido de uma vez.



Quando o sinal para o intervalo tocou, William e eu fomos até a cantina nos encontrar com nosso outro melhor amigo, Lucas – ou Lucão, para os mais chegados. Não era por acaso que ele detinha esse apelido. Era muito maior do que eu, tanto para cima quanto para os lados. Nos últimos dias, tinha deixado a barba crescer para, segundo ele, ficar com mais cara de alguém sério. Não estava adiantando muito, já que eram apenas alguns fios espalhados pelo rosto. Ele jurava que estava melhor a cada dia. A gente não deixava de o sacanear o tempo todo por causa disso.

– Lucão! – exclamou William, abrindo um largo sorriso ao se sentar na cadeira reservada.

– E aí, pessoal, tudo certo com vocês?

Ele abriu um sorriso de orelha a orelha.

– Aconteceu alguma coisa?

– Lógico! Convidei uma garota para o baile de primavera.

William quase caiu da cadeira.

– Mentira! – gritou, fazendo o pessoal se assustar e virar o rosto em nossa direção.

– Ué, não entendi a surpresa. Deixei bem claro para vocês que este ano irei convidar alguém – falou Lucas, estufando o peito.

– A pergunta que não quer calar é: quem?

– A Laís, do terceiro ano – respondeu ele, cruzando os braços.

– Não creio. – William levou as mãos à cabeça e olhou perplexo para mim e para Lucas. – Ela é a filha do cara que administra o cemitério da cidade. Isso é sinistro.

– Sim. Ela estava lá parada perto da cantina, e, como não encontrei vocês, vi ela sozinha e fui. Confesso que fiquei nervoso, suando frio, mas só cheguei nela e convidei – disse Lucas, sorrindo com satisfação.

– E o que ela disse? – perguntamos ao mesmo tempo.

– Não.

– Meu... Isso foi muito louco. – William deu um soco de leve no ombro de Lucas. – Conta para gente: tipo, ouviu o não e saiu de fininho?

– Aham. Agradei e saí de lá quando o pessoal dela chegou.

– Olha, sinceramente, admito que invejo a sua coragem – falei, assentindo.

– Eu disse ano passado, depois de passar mais uma noite de baile em casa, este ano vou levar alguém.

– Ainda mais por perguntar a uma das garotas mais gatas da escola – continuou William, como se Lucas não houvesse dito nada.

– Olha, o “não” você já tinha. Poderia ter sido a sua grande chance, e pelo menos você fez algo que eu e o William não fizemos até agora...

– “Eu e o William?” – repetiu ele. – Está por fora, hein? Já convidei mais da metade das garotas da escola e poderia ficar rico com todos os “nãos” recebidos. Mas estou confiante, já tenho a roupa separada. Elas não vão resistir ao charme do negão aqui.

Ele fez uma dança estranha.

– Queria muito ter essa confiança – comentei.

– Quer saber? Esse negócio do “não” está me causando fome.
Vou na cantina.

– Então você deve ouvir um milhão de vezes por dia.

– Cala essa boca!

Lucas empurrou William, que gargalhou, distraído, e foi parar no meio de um grupo de garotas mal-humoradas, que se afastaram reclamando.

No fim do intervalo, voltamos para a sala. A aula recomeçou e, por alguns minutos, a voz da professora era o único som. Ela parou, amargurada, assim que a porta foi aberta. Natasha surgiu em silêncio, caminhando até sua cadeira sem olhar para os lados. A roupa preta combinava com os cabelos curtos. O batom vermelho se destacava no rosto, junto dos olhos claros. Ela se sentou a duas cadeiras da minha, na diagonal.

– Só não pode babar – falou William mais alto do que eu gostaria.

– Se toca!

Copiei a matéria do quadro; a cabeça longe, pensando no baile de primavera, o evento mais importante do ano, onde todos os alunos da escola se preparavam para ir atrás de seus pares e interesses românticos para passar a noite no ginásio da escola dançando e se divertindo até o amanhecer.

Confesso que sempre tive vontade de participar. Nunca fui convidado nem fui atrás de um par para mim, pois parecia que todas as garotas já tinham alguém. Ou mentiam.

Dava para entender: quem ia querer ir ao baile de primavera com um *nerd* esquisito, com amigos mais esquisitos ainda?



Depois do que pareceu uma eternidade em forma de aula, Lucas nos convidou para ir à sua casa jogar um pouco de videogame, a fim de tentar quebrar a tensão do baile.

Assim que estávamos quase chegando, Lucas nos lembrou da regra número um: tirar os sapatos antes de entrar e deixar ao lado da porta, e, então, pegar um dos chinelos disponíveis.

— Não sabia que viríamos para cá depois da aula. Teria usado meias melhores — falou William, tirando os tênis, deixando o dedão de fora. — Para os dedos pegarem um arzinho.

William balançou os dedos dos pés e abriu um sorriso nem um pouco envergonhado. Lucas segurava o riso, calçando um par de chinelos.

Atravessamos a sala atrás de nosso amigo.

Não cansava de admirar a beleza e a organização dos cômodos.

Fomos até a cozinha, onde a dona Naomi estava.

Abrindo um sorriso ao nos ver, foi ao nosso encontro. Era uma mulher pequena de cabelos curtos. Vestia um avental cor-de-rosa. William correu na frente, soltou um ofego exagerado e se curvou ao cumprimentar Naomi, que sempre se divertia com as atitudes do garoto.

— Deixe de ser bizarro, cara! — falou Lucas, puxando William para o lado.

Subimos para o quarto, passando por um corredor estreito decorado com as fotos de infância do meu amigo. O quarto era limpo e muito bem organizado, o que faria minha mãe me dar um sermão de três horas se descobrisse. Até os pôsteres *nerds* nas paredes eram bem alinhados e separados por temas e até por cor.

— O que querem jogar? — Lucas colocou a mochila em um gancho atrás da porta. — Vamos aproveitar que meu pai não pediu ajuda no restaurante. Podemos jogar a tarde inteira.

— Qualquer coisa. Sempre ganho mesmo... — disse William, pegando os controles na gaveta. — O que acha, Miguel?

— Sei lá. Não estou muito a fim de jogar.

Joguei-me na cama arrumada.

— Tem alguém carente — zombou Lucas, fazendo um gesto com a cabeça para William, que girou a cadeira e ficou de frente para mim.

— Isso aí tem nome: Natasha. Acertei, né?

William abriu um sorriso e piscou para Lucas.

— Relaxa, cara — falou Lucas. — Vai dar tudo certo e conforme o plano: mais uma vez, nós três, os *nerds* mais descolados do colégio, na noite do baile mais agitado do ano, estaremos sozinhos em casa jogando os mesmos jogos de sempre.

— Comendo, bebendo porcarias e falando merda — completou William.

— Acho que ela e David andaram brigando.

— Olha, pode ser verdade. Ele até abriu o caderno para copiar da lousa, e não para amassar as folhas de papel e jogar nos outros — comentou Lucas, ligando o video game.

— Todo casal discute. Quem me dera um dia ter uma DR.

— Você tem que esquecer essa garota. A gente sabe que vocês cresceram juntos e tal, só que desapega, tem milhões de garotas por aí. A Emily, por exemplo, ficou perguntando se você estava bem — aconselhou Lucas. — Para o seu azar, David está bastante ciente de que tem sorte por estar com Natasha. Será difícil ele largar o osso.

— Ela é muito para ele — argumentei.

— Meu, eles vão se casar — falou William, assentindo para mim com seriedade.

— Que grandes amigos eu tenho! — falei, arremessando um travesseiro nos dois.



A tarde passou voando. Nós nos despedimos de Lucas no fim do dia. Resolvemos voltar caminhando. As casas da rua em que morava eram antigas, mas preservadas. O bairro era aquele em que os idosos acordavam às cinco da manhã para varrer e cuidar da vida dos vizinhos, com calçadas e jardins floridos.

Perdido em pensamentos, levei um susto quando uma moto passou por mim em alta velocidade. Olhei em direção ao velho banco de madeira e encontrei Natasha sentada.

Com o coração disparado, eu me aproximei com cautela, sentindo como se um monstro se remexesse na minha barriga. A luz do poste iluminava seu semblante molhado pelas lágrimas ao virar o rosto em minha direção, e me encarou com seus olhos azuis e a maquiagem borrada. Só pelo seu olhar já soube que ela precisava de alguém. E, agora, estava ao seu lado.

E foi assim que meus dias não foram mais os mesmos.